

## Reflexões sobre a produção e a circulação de sentidos acerca da Covid-19 à luz da Análise de Discurso<sup>1</sup>

*Reflexiones sobre la producción y la circulación de sentidos sobre la Covid-19 a la luz del Análisis del Discurso*

*Reflections on the production and circulation of senses about Covid-19 from Discourse Analysis*

Naiara Souza da Silva<sup>2</sup>

Mariana Jantsch de Souza<sup>3</sup>

### Resumo

Neste texto, propomos um espaço para o trabalho de leitura e de interpretação dos discursos que são (re)produzidos, que circulam e que se movimentam no contexto em que vivemos, de Covid-19. Nosso gesto analítico parte da nossa filiação teórica na Análise de Discurso (AD), cujo precursor teórico é Michel Pêcheux, e nosso objetivo principal é promover uma análise de práticas discursivas que tematizem a pandemia, tendo como foco a língua em suas relações com a história e a ideologia. Nesse caminho, a prática de leitura que desenvolvemos consiste num trabalho de construção/desconstrução/construção do texto, levando em conta as condições de produção em que é produzido para, a partir disso, observarmos as relações que o discurso estabelece com outros discursos e como os sentidos são (re)produzidos. Com esse entendimento sobre a leitura, então, dirigimos o nosso olhar para as práticas discursivas que buscam atribuir sentido ao acontecimento histórico da Covid-19, a partir do nosso recorte, propomos analisar como a pandemia é significada e como as relações de desigualdade, que estruturam o funcionamento de nossa sociedade, se materializam na/pela língua, emergindo nesse texto. Ao observarmos, assim, o funcionamento do discurso no exercício do poder da ideologia dominante, expomos as contradições de uma sociedade dividida em classes, cujo mecanismo de controle/dominação de uma classe sobre a outra se dá em práticas discursivas cotidianas.

Palavras-Chave: Análise de Discurso; Covid-19; Leitura.

### Resumen

En este texto, proponemos un espacio para el trabajo de lectura e interpretación de los discursos que se (re)producen, que circulan y que se mueven en el contexto en el que vivimos, desde Covid-19. Nuestro gesto analítico parte de nuestra filiación teórica en el Análisis del Discurso (AD), cuyo precursor teórico es Michel Pêcheux, y nuestro principal objetivo es promover un análisis de las prácticas discursivas que abordan la pandemia, centrándose en el lenguaje en sus relaciones con la historia y la ideología. De esta manera, la práctica lectora que desarrollamos consiste en un trabajo de construcción/deconstrucción/construcción del texto, teniendo en cuenta las condiciones de producción en las que se produce para que, a partir de eso, podamos observar las relaciones que el discurso establece con otros discursos y cómo los sentidos se (re)producen. Con esta comprensión de la lectura, entonces, enfocamos nuestra atención en las prácticas discursivas que buscan dar

<sup>1</sup> Artigo apresentado no VI Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e V Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2020.

<sup>2</sup> Doutora em Letras; Universidade Federal de Pelotas (UFPeL); Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; [naiaraa\\_souza@hotmail.com](mailto:naiaraa_souza@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Letras; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Campus Venâncio Aires, Rio Grande do Sul, Brasil; [marianajsouza@yahoo.com.br](mailto:marianajsouza@yahoo.com.br).

sentido al hecho histórico de la Covid-19, desde nuestra perspectiva, nos proponemos analizar cómo se significa la pandemia y cómo las relaciones de desigualdad, que estructuran el funcionamiento de nuestra sociedad, se materializan en/por el lenguaje, emergiendo en este texto. Al observar, así, el funcionamiento del discurso en el ejercicio del poder de la ideología dominante, exponemos las contradicciones de una sociedad dividida en clases, cuyo mecanismo de control / dominación de una clase sobre la otra se da en las prácticas discursivas cotidianas.

Palabras claves: Análisis del discurso; Covid-19; Lectura.

### Abstract

In this text, we propose a space for the work of reading and interpreting the discourses that are (re) produced, that circulate and that move in the context in which we lived, from Covid-19. Our analytical gesture starts from our theoretical affiliation in Discourse Analysis (AD), whose theoretical precursor is Michel Pêcheux, and our main objective is to promote an analysis of discursive practices that address the pandemic, focusing on language in its relations with history and ideology. In this way, the reading practice that we develop consists of a work of construction/deconstruction/construction of the text, taking into account the conditions of production in which it is produced so that, from that, we can observe the relations that the discourse establishes with other discourses and how the senses are (re) produced. With this understanding of reading, then, we focus our attention on the discursive practices that seek to give meaning to the historical event of Covid-19, from our perspective, we propose to analyze how the pandemic is significant in this discourse and how the relations of inequality, which structure the functioning of our society, materialize in/by language, emerging in this text. By observing, thus, the functioning of the discourse in the exercise of the power of the dominant ideology, we expose the contradictions of a society divided into classes, whose mechanism of control / domination of one class over the other occurs in daily discursive practices.

Key words: Discourse Analysis; Covid-19; Reading.

## 1. Introdução

O presente texto faz parte de um conjunto de discussões realizadas no *VI Encontro Humanístico Multidisciplinar* e no *V Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares*, atividades desenvolvidas pelo *Instituto Conexão Sociocultural (CONEX)* e pelo *Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC)*, com apoio da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), *campus* Jaguarão.

Nesta oportunidade, com o propósito do evento em incluir diferentes perspectivas teóricas e analíticas, cuja contribuição acadêmica no âmbito das Ciências Humanas seja séria e coerente, precisamente, no campo multidisciplinar (ou pluridisciplinar), apresenta-se a temática diante de um contexto específico: a pandemia da Covid-19.

O tema desta edição intitula-se *Contribuições das humanidades nos estudos da cultura latino-americana: transversalidades e travessias em tempos de pandemia*. Uma proposta virtual, diante das dificuldades impostas pela crise sanitária que se estendeu pelo mundo inteiro no ano de 2020, extremamente necessária para que possamos, enquanto pesquisadoras e profissionais da área da educação, refletir sobre nossos objetos de análise e sobre esse contexto.

Isto porque além de um cenário pandêmico, vivemos num momento em que a pesquisa, especialmente nas Ciências Humanas, vem sofrendo questionamentos de todas as naturezas. Nesse aspecto, o evento propiciou, também, uma oportunidade de questionarmos o nosso papel social e o nosso trabalho, com um espaço de exposição, discussão e aprofundamento de nossos estudos, procurando pensar nos caminhos e nos desafios de sermos pesquisadoras do campo das Humanas em tempos de pandemia.

Neste artigo, apresentado no eixo *Discurso em Análise: reflexões sobre o jogo de forças envolvido na produção e na circulação de sentidos acerca da pandemia*, propomos um espaço para o trabalho de leitura e de interpretação dos discursos que são (re)produzidos, que circulam e que se movimentam no contexto em que vivemos, de Covid-19.

Nosso objetivo principal, dessa forma, é promover uma análise de um discurso que tematiza a pandemia. Trata-se de um recorte que efetuamos, de um áudio enviado em um grupo privado de *WhatsApp* que vazou e repercutiu em diversos meios de comunicação. O áudio refere-se a uma resposta de Roberto Justus a Marcos Mion, ambos apresentadores de televisão na *RecordTV*, quando Justus se posiciona com relação à pandemia do Coronavírus. Tal fato aconteceu no início da crise sanitária no Brasil, em 23 de março de 2020.

Nosso gesto analítico parte da nossa filiação teórica na Análise de Discurso (AD), cujo precursor é Michel Pêcheux, e, nessa perspectiva teórica, entendemos “que é precisamente sob a forma geral do discurso que estão amarradas as dissimetrias e as dissimilaridades entre os agentes do sistema de produção” (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 24). Nesse viés, é a partir da AD que, como profissionais de Letras, podemos intervir teoricamente e desfazer a evidência de sentidos que são (re)produzidos.

Um dos pontos que nos sensibiliza à teoria e que a particulariza no campo do discurso é que ela se apoia sobre o político. Fraçoise Gadet (2010 [1990]) bem explica, “ela nasce na crença de uma intervenção política, porque aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica, que permitiria um modo de leitura cuja objetividade seria insuportável” (p. 09).

Assim, a linguagem não é entendida como uma origem ou como uma verdade existente independente dela própria, tal como retoma Paul Henry (2010 [1990]), “mas sim como exterior a qualquer falante, o que define precisamente a posição do sujeito, de todo sujeito possível” (p. 30).

Nas palavras do próprio Pêcheux (2010 [1990]),

O discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a

um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político: o que diz, o que enuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa [grifos do autor] (PÊCHEUX, 2010 [1990]), p. 75-6).

Dito isso, a prática de leitura que desenvolvemos parte de uma metodologia proposta por Indursky (2001) na/para leitura de textos no viés da AD. Para ela,

é preciso iniciar pela noção de *texto*, que é o “objeto” a ser lido, que representa a materialidade linguística através da qual se tem acesso ao discurso. O texto é, pois, uma unidade de análise, afetada pelas condições de sua produção, a partir da qual se estabelecerá a prática de leitura. [...] Ainda do ponto de vista da Análise de Discurso, é possível pensar o texto como um espaço simbólico, não fechado em si mesmo, pois ele estabelece relações com o contexto, com outros textos e com outros discursos [...]. [grifos da autora] (INDURSKY, 2001, p. 28-9).

Nesse passo, para escrevermos como se processa a prática de leitura sobre um texto dotado da ilusão de homogeneidade, completude, fechamento e transparência, ou seja, um texto entendido como uma “homogeneidade estruturada”, da qual decorre o efeito-texto, é necessário tratarmos do leitor.

De acordo com a autora citada, é preciso enfatizarmos que o leitor – aqui se tratando de nós analistas – também é um sujeito interpelado ideologicamente, e, por conseguinte, a produção de leitura vai mobilizar, num primeiro momento, a posição-sujeito (P-S) do sujeito-autor (aquele que produziu o texto) e a posição-sujeito do sujeito-leitor (aquele que irá produzir a leitura). Isto implica pensar, tal como propõe Indursky (2001), que o sujeito-leitor vai ocupar uma P-S em relação àquela ocupada pelo sujeito-autor, com ela identificando-se ou não.

Entender esse funcionamento de interlocução do sujeito-leitor com o sujeito-autor através do efeito-texto, é partir do pressuposto de que essa interlocução empreendida na/pela prática de leitura é também heterogênea, e, por isso, podemos afirmar que diferentes gestos de leitura podem ser realizados a partir de um mesmo texto, todavia, não esquecendo, que não se trata de qualquer leitura, pois não se lê o que o texto não permite.

Nesse trabalho de interlocução com o efeito-texto, ou objeto de análise se preferirmos, o sujeito-leitor vai promovendo a sua “desconstrução”, vai desestabilizando a superfície que se apresenta estruturada e homogênea, igualmente desestruturando sentidos estabilizados, consistentes, evidentes em seu efeito de transparência. Na explicação de Indursky (2001), o trabalho discursivo de leitura consiste em “desestruturar o efeito-texto por ele ser um espaço discursivo simbolicamente estruturado” (p. 38).

Mas, para que o processo de leitura cumpra o seu ciclo, impõe-se, a seguir, que o texto seja recomposto. Isto é, na prática de leitura, o sujeito-leitor vai preenchendo as “brechas”, produzindo uma nova estruturação, igualmente heterogênea e provisória. Nas palavras da autora, “o trabalho discursivo da leitura permite um novo processo de estruturação da heterogeneidade, através do qual novamente se instaura o *efeito de homogeneidade*, onde os sentidos aparentemente se estabilizam e novamente respondem pelo *efeito de transparência*” (p. 39).

Dessa forma, a prática de leitura consiste num trabalho de desestruturação/estruturação do efeito-texto, ou, no modo como propõe Indursky (2001), “de um tecer, destecer e retecer o texto, entrelaçando-o inexoravelmente à teia do interdiscurso” (p. 40). Este é o movimento que, segundo ela, leva-nos da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto.

Diante de tais considerações, nós compreendemos que o trabalho de leitura se trata, precisamente, de um gesto de construção/desconstrução/construção do texto, levando em conta as condições de produção em que é produzido para, a partir disso, observarmos as relações que o discurso estabelece com outros discursos e como os sentidos ali são (re)produzidos. Em outras palavras, no nosso gesto de leitura, buscamos compreender o efeito-texto, ou melhor, nosso objeto de análise, apontando pistas linguísticas que nos inquietaram e construindo nossa análise. Em seguida, propomos o gesto de desconstrução de sentidos produzidos, relacionando o que foi dito e o que não foi dito, e, mais ainda, como foi dito. Para, depois, construí-lo novamente, explicitando o funcionamento do discurso.

Com esse entendimento sobre a leitura, então, dirigimos o nosso olhar para as práticas discursivas que buscam atribuir sentido ao acontecimento histórico da Covid-19, especialmente, esta a que se refere ao nosso recorte que fizemos, seja ele, o áudio do Roberto Justus, em que propomos analisar como a pandemia é significada nesse discurso e como as relações de desigualdade, que estruturam o funcionamento de nossa sociedade, se materializam na/pela língua, emergindo nesse texto.

Efetuada as explicações que julgamos necessárias, abaixo, tratamos da *Síndrome Respiratória Aguda Grave* e, em seguida, apresentamos uma leitura possível à luz da AD, seguida das considerações finais.

## **2. A Síndrome Respiratória Aguda Grave**

A *Síndrome Respiratória Aguda Grave*, uma infecção por Coronavírus, abreviada para Covid-19, pode ser considerada o acontecimento histórico deste século até o presente

momento. A severa crise sanitária instaurou no mundo inteiro uma emergência de saúde pública que foi, em 11 de março de 2020, declarada como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Em razão do modo rápido e fácil de contágio da doença, a crise sanitária evoluiu rapidamente e a população mundial viveu um período intenso de isolamento social durante alguns meses do ano de 2020. Nesse sentido, McIntosh, Hirsch e Bloom (2020) explicam que com a transmissão por meio de gotículas, o vírus é liberado em secreções respiratórias quando a pessoa infectada tosse, espirra ou fala, podendo infectar outra pessoa se houver contato direto com as membranas mucosas. Outro modo de contaminação pode ocorrer se uma pessoa sadia tocar em uma superfície infectada e então tocar seus olhos, nariz ou boca.

A Covid-19 constitui-se em um acontecimento que transformou as práticas sociais e as rotinas, os cuidados básicos com higiene e saúde, dentre outros aspectos do convívio coletivo. Esse novo contexto interferiu diretamente no modo de organização material social e nas produções discursivas. Assim, a doença e seus desdobramentos têm sido pauta de diferentes discursos, sendo os veículos de informação o principal espaço para a textualização desse acontecimento.

Entendemos o acontecimento histórico como “o acontecimento em si, tomado como fato histórico, [...], como algo pontual, capaz de gerar múltiplas discursividades”, de acordo com as explicações de Cazarin e Rasia (2014, p. 194). Então, para as nossas reflexões, o acontecimento histórico em pauta, isto é, a Covid-19, é compreendido como um fato, um evento simbolizado através da língua.

Nesse panorama, muitos sentidos são produzidos em torno dessa doença por meio de processos discursivos que materializam, a nosso entender, as relações de desigualdade constitutivas e estruturantes da luta ideológica de classes, conforme de Pêcheux (2009 [1988], p. 133). Tal é observável nas práticas discursivas que buscam atribuir sentido à pandemia, uma vez que os discursos são parte do funcionamento social.

Ou seja, a nosso entender, o acontecimento histórico que estamos procurando estudar, possibilitou a emergência de sentidos (re)produzidos por sujeitos inscritos em distintas posições, e os efeitos que daí emergem colocam em questão o próprio político. Em outras palavras, as relações de poder se estabelecem na/pelas práticas discursivas, e o que nos preocupa, nessa parte, é que o político, tal como o entendemos, é a “instância que fixa um estatuto ‘extremo’ de realidade, uma realidade da qual não se pode escapar sem violência” [grifos do autor] (Corten, 1999, p. 39).

As relações de força, como bem sabemos, não se dão a *priori*, elas se formam no embate do discurso. Daí, temos a língua em suas relações com a história e a ideologia, por meio de discursos que se textualizam através da língua e fazem trabalhar o acontecimento histórico (re)produzindo sentidos.

É com esse entendimento que propomos pensar sobre o discurso que trazemos, unindo-nos aos colegas de Letras e das Ciências Humanas nesta edição especial sobre a pandemia, na medida em que buscamos cumprir com nossa responsabilidade social enquanto profissionais na área da Educação. Logo, cabe-nos um trabalho ético, humano e sensível, principalmente, na reflexão do evento mais importante desse nosso tempo: a crise sanitária da Covid-19.

Dessa forma, abaixo, apresentamos *uma leitura possível à luz da AD*.

### 3. Uma leitura possível à luz da AD

Retomando nosso objeto de análise, a título de rememoração, trazemos um recorte que já se refere a um gesto de interpretação por nós empreendido, de uma fala de Roberto Justus em resposta a Marcos Mion, produzida em um grupo privado de *WhatsApp*.

Trata-se, assim, de uma sequência discursiva (SD)<sup>4</sup> que entendemos ser representativa de um discurso que se relaciona à determinada classe social, precisamente, uma classe privilegiada no sistema de produção capitalista, cujos efeitos de sentido textualizam, a nosso ver, seus interesses e sua posição dominante na estrutura ideológica que se sustenta em relações de desigualdade-subordinação, conforme Pêcheux (2009 [1988], p. 132).

Dentre nossas inquietações ao operarmos com o *corpus*, atentamos no presente texto para três questões que julgamos norteadoras: Como a pandemia é discursivizada no contexto em que vivemos? Como as relações de desigualdade se materializam na/pela língua? E que efeitos de sentido são (re)produzidos no discurso em ênfase?

Para realizarmos a presente proposta de análise e respondermos às questões citadas, utilizamo-nos, como já referido anteriormente, como base teórico-metodológica, a Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana: uma teoria interpretativa que busca descrever e compreender a linguagem em funcionamento, considerando a relação língua-história-ideologia, bem como o atravessamento da teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica, na constituição do sujeito.

---

<sup>4</sup> Trabalhamos a noção de sequência discursiva de referência (sdr) como denominou Courtine (1981/2009) em sua tese. Segundo ele, a sdr, metodologicamente, é representativa de uma série de outras sequências que possuem similaridade no funcionamento discursivo em análise.

Acreditamos pertinente esclarecermos que a AD busca refletir e analisar a determinação histórica dos processos de significação. Nessa vertente materialista do discurso, o sentido de uma palavra não está dado *a priori*, pois é sempre produzido em uma conjuntura histórica determinada pelas forças em luta. E tal proposição pode ser constatada na seguinte assertiva de Pêcheux (2009 [1988], p. 146, grifos do autor), em que “*as palavras, as expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*”.

Dessa citação, podemos compreender que o sentido é produzido a partir de posições ideológicas determinadas historicamente nas quais se realiza a luta de classes. Daí ser possível tratar, por exemplo, em práticas discursivas, sobre questões como salário, moradia, fome, qualidade de vida, saúde, direito, classe, inclusão, exclusão etc., e produzir sentidos diferentes e/ou até antagônicos a partir do mesmo referente. Em outras palavras, os efeitos de sentido têm caráter historicamente determinados, e, é por tal razão, que nós, filiadas na AD, precisamos levar em consideração o caráter material do sentido e a posição sujeito no discurso.

Nessa linha teórica que nos conduz, seguimos nosso trabalho de leitura a partir do nosso gesto de construção/desconstrução/construção do seguinte texto, entendido por nós como sequência discursiva que compõe o recorte a ser analisado logo a seguir:

[...] E dos que morrem, mesmo dos velhinhos, só 10 a 15% deles morrem. [...] é claro que a gente devia isolar os velhinhos, cuidar deles e evitar grandes eventos, mas esse isolamento vai custar muito mais caro. Você está preocupado com os mais pobres? Você vai ver a vida devastada da humanidade na hora do colapso econômico, da recessão mundial, dos pobres não terem o que comer, das empresas fecharem, do desemprego em massa, não dá pra comparar com um viruzinho que é uma gripezinha leve pra 90% das pessoas, não dá pra comparar com esse desastre que vai ser [...] (PADIGLIONE, 2020, grifos nossos).

Para iniciarmos nossa análise, no processo que compreendemos como construção do efeito-texto, seguiremos algumas pistas linguísticas que destacamos e que nortearão nosso gesto analítico. Entendemos que para compreensão do funcionamento desse discurso, é necessário ressaltar o modo de representação da categoria pessoa nesse enunciado: “eu”, “tu” e “ele”. Tal mecanismo discursivo explicita a imagem que o locutor tem de si, do outro e do referente. Trata-se do jogo imaginário da antecipação, segundo o qual todo processo discursivo “supõe, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (Pêcheux (2010 [1990]), p. 83). Pêcheux (2010 [1990] explica que



o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 81-2, grifos do autor).

Então, o processo de antecipação diz respeito a um jogo de representações imaginárias, ou seja, é “a maneira como o locutor representa as representações de seus interlocutores e vice-versa” (ORLANDI, 2011, p. 158). Esse mecanismo estabelece-se entre formações imaginárias, pois são elas que fornecem as representações, projetadas no discurso, do lugar atribuído a cada interlocutor. No discurso em análise, por meio do nosso gesto de desconstrução do efeito-texto, podemos pontuar que estão em jogo nesse processo imaginário de representações as posições do sujeito-enunciador e do sujeito outro, aquele de quem se fala.

Por exemplo, em: “E *dos que morrem, mesmo dos velhinhos, só 10 a 15% deles morrem*” e “*Você está preocupado com os mais pobres?*”, podemos observar o posicionamento do sujeito-enunciador quando se dirige ao seu interlocutor (você, aquele com quem se fala) referindo-se aos *mais pobres* e aos *velhinhos* (ele, aquele de quem se fala). A nosso ver, essa forma de representar os sujeitos pode ser compreendida como um modo de representação excludente realizado pelo sujeito-enunciador ao se distanciar desse outro que é tomado como objeto do discurso. Instaura-se, com isso, uma disjunção entre sujeito-enunciador e pobre/velhinhos, da qual decorre o par antagônico eu/outro. E, como o sujeito-enunciador coloca-se numa posição materialmente superior a esse sujeito outro, ressoa nesse discurso o par rico/pobre a partir do jogo imaginário de representação que o sujeito tem de *si* e do *outro*.

Considerando, assim, que o sentido não é pré-estabelecido, ou seja, não preexiste, ao tomar referida posição, o sujeito-enunciador atribui determinados sentidos, e, ao produzi-los, “faz girar o motor da ideologia”, em termos pêcheuxtianos, cujo primado é a luta de classes. A esse respeito, ao observarmos o funcionamento do discurso no exercício do poder da ideologia dominante, expomos as contradições de uma sociedade dividida em classes, cujo mecanismo de controle/dominação de uma classe sobre a outra se dá em práticas discursivas cotidianas, nesse caso, materializado na/pela língua.

Podemos entender que o sujeito-enunciador se coloca numa posição materialmente superior em relação ao sujeito de quem se fala (ele/outro/pobre/velhinhos) porque nesse discurso os pobres serão os mais prejudicados pelas consequências negativas do “colapso econômico” que, para esta rede discursiva, será resultado inevitável da Covid-19. É o que

podemos observar em: “*Você vai ver a vida devastada da humanidade na hora do colapso econômico, da recessão mundial, dos pobres não terem o que comer*”, embora, no fio do discurso, aparentemente, toda a humanidade sofrerá com o impacto da pandemia, todavia, apenas a parcela “dos pobres” não terá o que comer.

Nesse mesmo enunciado, ainda, sobre as distâncias materiais imaginariamente postas em jogo no fio do discurso, podemos observar que subjaz a esses dizeres o pressuposto de que a fome não existe e que passará a existir ou a ser um problema significativo na sociedade brasileira (e, talvez, mundial), em razão do isolamento social decorrente da Covid-19. Isso porque os pobres não terão o que comer após o colapso econômico que o isolamento social promoverá. Então, nesse processo de significação da Covid-19, propõe-se, até o presente momento, que os pobres têm o que comer, e a fome desses sujeitos não é tomada como uma realidade concreta, mas, sim, como uma realidade num futuro próximo.

Explicamos: no nível intradiscursivo, ou seja, na materialidade linguística, “dos pobres não terem o que comer”, está posto uma negativa futura com relação à fome – os pobres não terão o que comer –, mas, ao mesmo tempo, apresenta-se um conteúdo pressuposto que está implícito, sentidos não ditos, de que não há fome entre essa parcela de sujeitos. Ducrot (1977), explica que um enunciado negado se transforma em converso do seu correspondente positivo, isto é, os pobres têm o que comer.

Esse efeito de sentido produzido nega a nossa realidade material em que pobres já não tinham o que comer antes do isolamento social<sup>5</sup>, visto que a fome no Brasil é uma realidade concreta no sistema de produção capitalista em que vivemos. Dessa forma, não há como recobrir, em nossas análises, o modo como se realiza a luta de classes. Mesmo que ela apareça “sutilmente”, sua ferocidade se impõe cotidianamente porque a ideologia dominante se torna dominante pelas/através das práticas dos sujeitos.

Nessa linha que nos conduz, os termos empregados pelo sujeito-enunciador ao atribuir sentido à crise sanitária decorrente da Covid-19, tais como: “*dos que morrem*”, “*mesmo dos velhinhos*”, “*só 10 a 15% deles morrem*”, produzem um efeito de indiferença diante desse outro. Esse sujeito outro é significado a partir das seguintes parcelas: “mais pobres”, “dos que morrem” e “mesmo os velhinhos”. Partindo do nível da formulação, é possível delimitarmos, portanto, qual parcela social é representada como sendo esse sujeito outro: velhos e pobres.

---

<sup>5</sup> Conforme dados do IBGE, em sua última pesquisa, a insegurança alimentar atinge 10,3 milhões de brasileiros em grau grave e 84,9 milhões de brasileiros em graus menores. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave>>. Acesso em: 30/11/2020.

São eles que sofrerão mais intensamente as consequências da Covid-19 por inserirem-se nas classes mais vulneráveis social e economicamente.

A indiferença emerge nesse discurso em relação à possibilidade de morte desses sujeitos, pois *só* 10 a 15% morrem, *mesmo* dos velhinhos. Com o funcionamento do uso do advérbio “só” para modificar o verbo morrer, a morte desse percentual de sujeitos é trazida para o fio do discurso como sendo uma quantidade mínima, insatisfatória, de forma que esse número é significado como incapaz de trazer preocupação para essa rede discursiva. Já a morte dos *velhinhos*, a partir do advérbio “mesmo” modificando o verbo morrer, é trazida para o nível da formulação como sendo da ordem do esperado/previsível e, por isso, também, não é capaz de provocar qualquer preocupação para essa rede discursiva.

Subjaz a esses dizeres que o interlocutor (esse *você* a quem o sujeito-enunciador se dirige) é favorável ao isolamento social e os dizeres do sujeito-enunciador são construídos para rechaçar o isolamento em massa. Então, em sua continuação, na indagação: “Você está *preocupado* com os mais pobres?”, podemos observar o posicionamento do sujeito-enunciador pondo em discussão o que deve ser objeto de preocupação. Na posição do sujeito-enunciador, a preocupação deve ter outro foco: a economia, e não a possibilidade de morte de uma parcela de sujeitos, conforme já observado.

Assim, nesse caminho de significação da pandemia e seus desdobramentos sociais, o que surge com maior peso nesse discurso é a ordem econômica em detrimento da saúde, do cuidado e da prevenção em relação à doença; em detrimento, inclusive, da vida desse sujeito outro. São essas vidas, pois, que serão expostas ao contágio da doença e, com isso, à possibilidade de morte (de só “10 a 15%”, para retomar a sequência discursiva em análise).

Sobrinho (2011), ao trabalhar as noções de sujeito do discurso, ideologia e luta de classes, escreve que

É inegável que a sociedade se tornou mais complexa, no entanto, os interesses e lutas de classes continuam existindo mesmo como *espectro*, pois este “fantasma” não se desmanchou no ar, como afirmaram os teóricos da modernidade/pós-modernidade, uma vez que continuam existindo concretamente diferentes posições-sujeito ante a divisão dos meios de produção (propriedade privada), da divisão social do trabalho (manual e intelectual), da exploração da força de trabalho e da apropriação da mais-valia. Ou seja, a luta continua inexoravelmente concreta/sólida e sustenta e faz mover o discurso, cujo efeito de retorno sobre o real efetiva sentidos capazes de orientar a reprodução/transformação das relações sociais de produção (SOBRINHO, 2011, p. 115, grifos do autor).

As materialidades apresentadas, diante de nossa leitura, remetem à existência de um discurso dominante e esse discurso expõe, a nosso entender, o “eu” e o “outro” representados a partir do antagonismo entre capital e trabalho e as diferentes posições-sujeito conflitantes. É

o que podemos observar do funcionamento desse discurso em: “Você vai ver a *vida devastada* da humanidade na hora do *colapso econômico*, da *recessão mundial*, dos pobres não terem o que comer, das empresas fecharem, do desemprego em massa, [...]”. Tomando esse enunciado a partir do eixo parafrástico, entendemos que, ao utilizar os termos “devastada”, “colapso” e “recessão”, o sujeito-enunciador intensifica as consequências negativas no mercado econômico, decorrentes do isolamento social.

Se, por exemplo, fossem empregados os termos “prejudicada”, “retração”, “perda/improdutividade” para a formulação dos sintagmas “vida prejudicada”, “retração econômica” e “perda/improdutividade mundial”, não seria produzido o mesmo efeito de sentido, tampouco semelhante. Pois, os termos empregados funcionam caracterizando algo negativo em seu extremo, de modo radical. “Colapso”, por exemplo, caracteriza-se por uma redução brusca de eficiência e, associado à economia, representa uma situação de crise em um nível máximo, em direção à falência do sistema econômico. Já “retração” produz um efeito de sentido mais ameno, de algo que está em processo de diminuição, de encolhimento, mas que logo pode ser realinhado.

Dessa forma, nas possibilidades de atribuição de sentido, ao utilizar o sintagma “colapso econômico”, o sujeito traz para o fio do seu discurso um sentido mais negativo ao isolamento do que à própria pandemia, intensificando a importância do trabalho e valorizando o sistema capitalista ao invés de preocupar-se com os sujeitos que estão propensos à contaminação.

Podemos, assim, compreender que o caminho de significação da pandemia e seus desdobramentos faz emergir algumas dicotomias em funcionamento no discurso analisado: eu/outro, rico/pobre, economia/saúde. A vida devastada e o desastre não estão relacionados às consequências de uma doença que já levou milhões de sujeitos a óbito, mas, ao colapso econômico, à recessão mundial, às empresas fecharem, ao desemprego em massa.

De outro lado, sintagmas lexicais como *viruzinho* e *gripezinha* funcionam nesse discurso minimizando a gravidade da doença e reforçando a importância da economia. Trata-se de uma estratégia recorrente nessa rede discursiva que encontra eco e retira sua força legitimadora de dizeres do próprio Presidente da República<sup>6</sup>, que pode ser tomado como um

---

<sup>6</sup> A título de exemplo, podemos mencionar a repercussão dos dizeres do Presidente acerca da Covid-19, a recorrência do termo *gripezinha* em suas práticas discursivas e suas declarações polêmicas acerca do número de mortos por Covid-19 no Brasil (“e daí”, “não sou coveiro” entre outras). Conferir em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>; <https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2020/04/5607630-grafico-que-relaciona-os-casos-de-coronavirus-no-brasil-com-falas-de-bolsonaro-viraliza-no-whatsapp.html>;

porta-voz desses saberes, enunciador *mor* desse modo de significar a crise sanitária global que vivenciamos.

Por fim, entendemos que os efeitos de exclusão e de indiferença que esse discurso põe em movimento em relação ao sujeito outro, é um modo de expressão da violência materializada na linguagem. Para tanto, retomamos uma proposta de compreensão teórica acerca da violência simbólica – aquela que é ordem da linguagem –, em que esta violência “opera no âmbito ideológico: encarna-se na linguagem para impor a reprodução das relações de dominação/subordinação” (SOUZA, 2017, p. 80).

Souza (2017, p. 80) desenvolve que, do ponto de vista das relações de força em disputa nas práticas discursivas, a violência simbólica “trabalha impondo e/ou lembrando o lugar de cada um na estrutura social; baseia-se na naturalização dessa relação dicotômica e dessa determinação de lugares. Atua perpetuando relações sócio-históricas de desigualdade-subordinação”.

Assim, no discurso analisado, significar o outro de modo indiferente em relação à possibilidade de morte por eventual contaminação com a Covid-19 (“só 10 a 15% deles morrem”), conferindo maior peso à economia em detrimento da saúde e da vida de uma parcela da população brasileira é, sim, um modo violento de atribuir sentido à pandemia e ao sujeito outro neste contexto.

Considerando as condições de produção desse discurso, podemos escrever, por fim, que este modo de discursivizar a doença em questão configura um discurso de limpeza social que exclui do sistema social e produtivo aqueles sujeitos que não são úteis para manter as relações de dominação/subordinação em pleno funcionamento, quais sejam: “os velinhos”. E esse efeito de sentido de limpeza social é um desdobramento do efeito de exclusão construído nesse discurso, conforme analisado.

#### 4. Conclusões

Como últimas palavras acentuamos que, neste texto, buscamos promover uma reflexão acerca dos sentidos atribuídos à Covid-19 a partir de práticas discursivas representativas de uma classe dominante. Com isso, trazemos uma contribuição discutida no evento na área das Ciências Humanas, por meio da Análise de Discurso, e relacionada aos estudos da cultura latino-americana em tempos de pandemia.

---

<<https://aratuon.com.br/noticias/grafico-compara-mortes-por-coronavirus-com-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-doenca-veja/>>; <<https://oglobo.globo.com/brasil/da-gripezinha-ao-dai-confira-as-reacoes-de-bolsonaro-enquanto-aumentavam-as-mortes-pela-pandemia-no-brasil-24402593>>.

A partir da sequência discursiva que elencamos para análise, buscamos compreender como sentidos são produzidos por um sujeito inscrito em determinada posição, a respeito da pandemia da Covid-19 e dos acontecimentos relacionados a essa crise sanitária, e que efeitos (re)produzem socialmente.

A leitura, no viés teórico em que trabalhamos, é entendida como um gesto entre tantos possíveis, constituindo-se num processo de construção/desconstrução/construção do objeto simbólico submetido à análise, neste caso, um recorte de um áudio de Roberto Justus. Dessa maneira, buscamos não ser silenciosas em nossa sociedade, expondo nosso olhar à opacidade dos sentidos e deixamos as portas abertas para futuras discussões.

Sobrinho (2011, p. 116), em sua proposta de trabalho, acentua que “eis mais um, entre tantos outros desafios, para a AD [...], pois, concretamente, os sujeitos continuam sofrendo os efeitos da exploração exigida pela lógica do capital, que torna tudo mercadoria e, desse modo, o sujeito-trabalhador continua a ser desumanizado em sua existência histórica”.

Enfatizada tal posição teórica, por meio de nossa leitura, entendemos que o discurso analisado (re)produz na/pela língua as diferenças entre as classes sociais de forma a naturalizá-las, e os sentidos que dele emergem movimentam o motor da ideologia que é a luta de classes, numa formação social capitalista sustentada na/pela exploração do trabalho em que as relações sociais de dominação/subordinação precisam se manter. Assim, o político, entendido como representação das forças políticas conforme Corten (1999), tem seu funcionamento enquanto realidade dessas forças antagônicas (eu/outro), destacando-se de maneira mais ou menos precisa à vista de todos.

### Referências

CAZARIN, E. A.; RASIA, G. S. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político. *Revista Letras*, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 193-210, jan./jun. 2014.

CORTEN, André. Discurso e representação do político. In: Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Freda Indursky e Maria Cristina Leandro-Ferreira (Orgs.). Tradução de Ana Maria Lisboa de Mello e Maria Regina Borges Osório. Porto Alegre, RS: Sagra Luzzatto, 1999.

DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer*. Princípios de Linguística Semântica. São Paulo: Cultrix, 1977.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (Org.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.

LIPPI, Giuseppe et al. The critical role of laboratory medicine during coronavirus disease 2019 (COVID-19) and other viral outbreaks. *Clinical Chemistry and Laboratory Medicine*, March 4, 2020. Tradução do Programa de Voluntariado Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Federal do Paraná. Fonte: Disponível em: <<http://www.toledo.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2020/04/O-papel-crucial-da-medicina-laboratorial-durante-a-doen%C3%A7a-do-coronav%C3%ADrus-2019-COVID340.docx-compactado.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2020.

Kenneth McIntosh, MD; Martin S Hirsch, MD; Allyson Bloom, MD. Coronavirus disease 2019 (COVID-19). *UpToDate*. March 31, 2020. Fonte: Disponível em: <<https://www.uptodate.com/contents/coronavirus-disease-2019-covid-19-epidemiology-virology-and-prevention>>. Acesso em 08 set. 2020.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PADIGLIONE, Cristina. Justus explica áudio em que chama novo coronavírus de ‘gripezinha’. *Folha de S.Paulo*, Telepadi, 23 mar. 2020 às 15:15. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/justus-explica-audio-seu-sobre-ressalvas-a-quarentena-pelo-coronavirus/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].

\_\_\_\_\_. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990].

SOBRINHO, Helson F. da Silva. Sujeito do Discurso, ideologia e luta de classes: um espectro ronda a AD e não cessa de produzir efeitos. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (ORGs). *Memória e História na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 105-123.

SOUZA, Mariana Jantsch de. *O Discurso de ódio na democracia brasileira: uma análise discursiva do processo de rejeição e de destituição da Presidenta Dilma Rousseff*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, RS-BR.